

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOGIA E TEORIA LITERÁRIA

**JUNIE NUNES DE SOUZA**

**ELUCUBRAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE PORTO-ALEGRENSE  
DO SÉCULO XIX EM *CÃES DA PROVÍNCIA*: EPISÓDIOS DE LOUCURA**

**Porto Alegre**

**2016**

JUNIE NUNES DE SOUZA

**ELUCUBRAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE PORTO-ALEGRENSE DO SÉCULO  
XIX EM *CÃES DA PROVÍNCIA*: EPISÓDIOS DE LOUCURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cinara Ferreira

Porto Alegre

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Junie Nunes de

Elucubrações sobre a sociedade porto-alegrense do século XIX: Episódios de Loucura / Junie Nunes de Souza. -- 2016.

41 f.

Orientadora: Cinara Ferreira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Loucura. 2. Literatura. 3. Luiz Antonio de Assis Brasil. 4. Cães da Província. 5. Qorpo-Santo. I. Ferreira, Cinara, orient. II. Título.

Dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus amados avós paternos, Rubens Dutra de Souza (in memoriam) e Clotilde Escoto de Souza, pelo infinito amor, pela educação excepcional e pela loucura de criarem a neta como se eu fosse sua própria filha.

## AGRADECIMENTOS

Se eu tivesse me formado no tempo certo (no segundo semestre de 2015), esta página conteria mais nomes dos que aqui estão hoje; mas compreender que não há tempo certo quando se enfrenta a loucura de receber um diagnóstico psiquiátrico e de que nem todas as pessoas permaneceriam ao meu lado nos momentos mais difíceis das crises bipolares foram lições que duramente aprendi ao longo dos últimos dois anos. Assim sendo, meus agradecimentos mais sinceros são destinados àqueles que tiveram coragem para enfrentar o meu próprio episódio de loucura – quando pensei que jamais recuperaria a minha essência. Sem a ajuda, o amor, a amizade e a confiança dessas pessoas, o caminho de volta aos trilhos da razão continuaria escuro e solitário e eu ainda estaria cega diante de minha própria luz.

Agradeço:

À minha avó, madrinha e mãe, Clotilde, por proporcionar tudo o que estava ao seu alcance para que eu, finalmente, conseguisse concluir o ensino superior, e pelo seu encorajamento constante. Sem ela eu não seria nem a metade do que sou hoje.

À minha mãe, Janice, por ajudar-me a enfrentar as confusões de minha mente, sempre mostrando uma opção viável a ser seguida diante de cada conflito de minha trajetória rumo à formatura.

Ao Fabian, meu querido namorado, por ser a maior luz que Deus colocou em minha vida neste último semestre de graduação na UFRGS e por ter sido aquele que segurou minha mão, me guiou e caminhou comigo ao longo da escrita deste TCC, cuidando-me com muito amor e carinho para que nós pudéssemos dividir o mesmo palco no dia 10 de janeiro de 2017.

Aos demais integrantes de minha família que, cada um a sua maneira, sempre me incentivaram a perseverar em meus estudos: meu pai, Jumare; minhas irmãs, Luísa e Nathaja; meus tios, Cleide e Claudemir; meu primo, Clauê; minha madrasta, Rosimara; e meu padrasto, Gerson.

Aos amigos Dandara, Luciane, Emily, Alexandre, Renata e Carolina, por terem proporcionado momentos felizes e de muito aprendizado ao longo dos encontros que tivemos dentro e fora do curso de Letras.

À Professora Celeste, minha grande conselheira e amiga desde os tempos de Curso Normal, por ter ficado ao meu lado, mais uma vez, em um período conturbado de minha vida estudantil.

E, finalmente, um agradecimento especial à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cinara Ferreira, por ter aceitado a *loucura* de ser minha orientadora e me proporcionado a calma e a segurança necessárias à completude deste trabalho que representa o fim de minhas produções acadêmicas como estudante de graduação do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*“Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!”*

Mario Quintana

## RESUMO

O presente trabalho tem como foco aprofundar a discussão sobre a temática da loucura no romance histórico *Cães da Província*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. Diversas obras da literatura brasileira que retratam a sociedade do século XIX exploraram esse tema “como recurso literário em épocas de repressão” (MARIA, 2005). Seguindo essa linha de raciocínio, aqui abordarei o que denominei de “episódios de loucura”, que permeiam a trama engendrada por Assis Brasil, a fim de desvelar as aparências edificadas por uma sociedade porto-alegrense, deveras, provinciana. Após apresentar a obra e delimitar características que a categorizam como novo romance histórico, citando outros trabalhos já realizados sobre a mesma – que priorizam, sobretudo, analisar a construção de Qorpo-Santo como personagem de ficção dentro do contexto histórico ao qual ele pertence –, introduzo a análise sobre os episódios de loucura, divididos em quatro partes principais. Tendo como base bibliográfica para as elucubrações as obras de caráter filosófico *Elogio da Loucura*, de Erasmo, e *História da Loucura*, de Michel Foucault, examino a loucura em *Cães da Província* para revelar sua incorporação ao personagem Qorpo-Santo; para tentar compreendê-la cientificamente a partir do olhar de Landell e de Joaquim Pedro, os psiquiatras do romance; para entender sua influência nas relações sociais – suas bênçãos e maldições ao casamento de Eusébio e Lucrecia – ; e, por fim, para estender sua influência às mulheres do romance – quase sempre culpabilizadas pelos desatinos masculinos. As considerações finais convergem para a ideia de que a loucura, em *Cães da Província*, não está exclusivamente representada na figura de Qorpo-Santo, mas está principalmente por trás das relações sociais estabelecidas em uma sociedade que reprime e oprime todo e qualquer desejo ou sentimento que escape à moralidade não compartilhada pela maioria cativa de uma vida de aparências.

**Palavras-chave:** Loucura. Literatura. Assis Brasil. *Cães da Província*. Qorpo-Santo.

## ABSTRACT

The present work aims at deepening the discussion about the theme “madness” in Luiz Antonio de Assis Brasil’s historical novel *Cães da Província*. Many Brazilian literary works that portray the nineteenth century make use of this motif as a “literary resource in times of repression” (MARIA, 2005). Taking into consideration this train of thought, I will approach what I refer to as “episodes of madness” that permeate the plot created by Assis Brasil in order to unveil the appearances instilled by a rather provincial porto-alegrense society. After introducing the work and delimiting the characteristics that place it as a new historical novel, by relying on further studies about it that aim mainly at analyzing the construction of Qorpo-Santo as a fictional character inside the context to which he belongs, I introduce the analysis about the episodes of madness, that are divided in four main sections. Having the works of philosophical character *The Praise of Folly*, by Erasmus, and *History of Madness*, by Michel Foucault as bibliographical basis for the elucubrations, I analyze the madness in *Cães da Província* not only to better understand how it relates to the character Qorpo-Santo, but also to scientifically comprehend it through the perspective of Landell and Joaquim Pedro, the psychiatrists of the novel, to understand its influence in the social relations – its blessings and curses in the marriage of Eusébio and Lucrecia – and also to extend its influence to the women in the novel – frequently blamed for the male carelessness. The final remarks converge to the proposal that the madness in *Cães da Província* is not exclusively represented in the character of Qorpo-Santo, but rather in the social relations established by a society that suppresses and oppresses any desire or feeling that is not tied to the morality that is not shared by a majority that is subject to a life of appearances.

**Keywords:** Madness. Literature. Assis Brasil. *Cães da Província*. Qorpo-Santo.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	10
2	APRESENTAÇÃO DA OBRA .....	13
3	<i>CÃES DA PROVÍNCIA</i> , O NOVO ROMANCE HISTÓRICO E A LOUCURA .....	16
4	EPISÓDIOS DE LOUCURA EM <i>CÃES DA PROVÍNCIA</i> .....	18
4.1	A loucura e Qorpo-Santo .....	19
4.2	A loucura e os psiquiatras .....	23
4.3	A loucura e as relações sociais: o casamento .....	27
4.4	A loucura e as mulheres .....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
	REFERÊNCIAS .....	40

## 1 INTRODUÇÃO

Elucubração pode significar uma meditação intensa, qualquer estudo de criação árdua, uma dedicação mental para produzir um trabalho intelectual ou, ainda, utilizando a palavra ironicamente, uma especulação desconexa e imaginativa – de acordo com o Dicio, Dicionário Online de Português. O presente trabalho, portanto, pretende elucubrar a loucura em uma obra literária que traz exemplos do que é ser ou não ser louco na sociedade porto-alegrense do século XIX. Qorposanto, um dos protagonistas de *Cães da Província*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, e principal arquiteto de elucubrações desconexas e imaginativas, é o ponto de partida para as considerações sobre a loucura no referido romance histórico.

O objetivo desta análise interpretativa do romance de Assis Brasil não é o de encontrar uma única definição para a loucura, mas a de elucidá-la a partir dos acontecimentos da trama, elucubrando suas aparições em consonância com a Loucura filosófica e alegórica de Erasmo e o estudo histórico e social sobre a loucura realizado por Michel Foucault. É importante esclarecer que, neste exame, a *loucura* pode assumir múltiplas significações – manifestando-se ora no plano social, ora no psicológico. Explico: muitas vezes, a “loucura” é apontada como tal apenas por ser fruto de um episódio que se distancia da padronização de costumes e comportamentos de uma época; em outras, é discutida clinicamente – momentos em que se intenta esclarecê-la como doença, de fato, procurando-se sintomas que apontem uma direção para ser compreendida e discussões para um possível tratamento.

Do século XIX para cá, o conhecimento científico e as novas perspectivas sobre doenças mentais evoluíram consideravelmente, mas é fato, ainda, que as psicopatias ou qualquer episódio que evoque *loucura* causam certo estranhamento, uma inação, uma falta de certeza para lidar com algo aparentemente tão abstrato e imprevisível. Por isso, muitas vezes, a sociedade reage a partir da opressão – no sentido de coagir e humilhar moralmente o *louco* – e a repressão – em uma tentativa de castigar ou punir para inibir o *louco*.

Mas o que é louco e o que leva alguém a ser retirado do convívio em sociedade por causa de sua loucura? É possível todos nós sermos considerados loucos, apenas com graus diferentes de “loucura inata”? A discussão sobre a

loucura é tão complexa que envolve, além da Psiquiatria e da Psicologia, a Filosofia, a História e as Ciências Sociais, pois qualquer alteração ocorrida no plano das ideias e refletida em comportamento extraordinário pode ser tema para inúmeras elucubrações – em especial, nesse caso, para a Literatura. Aqui, então, interessa analisar como a loucura pode ser percebida e interpretada em uma obra literária e quais outras conexões podem ser geradas, com a leitura das elucubrações aqui presentes, a fim de ampliarmos o nosso conhecimento interdisciplinar a partir de noções psiquiátricas, filosóficas, históricas e aquelas provenientes do senso comum sobre a loucura.

Ao perscrutar a loucura presente na obra *Cães da Província*, de Assis Brasil, regredimos em conceitos, estudos, avanços médicos e senso comum. Voltamos a uma sociedade que encarava qualquer desvio de comportamento padrão como algo fora do normal, um risco à moral e aos bons costumes. Diante de tais contrastes entre como a loucura é encarada nos dias de hoje e como era encarada na sociedade porto-alegrense do século XIX, no presente trabalho, procuro analisar aquilo que categorizei como “episódios de loucura”, resultantes de uma época em que se vivia sob a égide das aparências.

Para tanto, dividi este trabalho em quatro partes principais, a fim de melhor escrutinar o tema presente na obra. A elucidação dos episódios de loucura se dá a partir de Qorpo-Santo e sua representação como um misto de louco e gênio literário que circula livremente antes de sua interdição pela Porto Alegre histórica recriada e ficcionalizada por Assis Brasil. Em seguida, introduzo as análises e as interpretações sobre a loucura do personagem sob o viés dos psiquiatras do romance, o Dr. Landell e o Dr. Joaquim Pedro, cujas vozes auxiliam a promover um olhar clínico sobre o louco da Província e, também, a questionar as verdades e certezas enraizadas de uma sociedade de aparências.

E, para manter as aparências e o *status* de normalidade, nada mais significativo do que o casamento – que ocupa papel de destaque nos enredos vividos pelos personagens na obra de Assis Brasil. Em capítulo dedicado a revelar os sabores e dissabores que se instauram na vida de Eusébio a partir de seu enlace matrimonial com Lucrecia, analiso as diferenças do clima psicológico vivido pelos personagens no início, meio e fim da história do casal e como isso provoca episódios de loucura em ambos. Finalizando, há o capítulo sobre a loucura e as

mulheres. Por ser o retrato de uma sociedade patriarcal do século XIX, a visão machista predomina, e as mulheres, por sua vez, são responsabilizadas por qualquer escândalo, desatino ou *loucura* que possa vir a acometer um homem de “bem”. Portanto, situações em que as mulheres são vítimas desse preconceito cultural foram aqui exemplificadas como parte da repressão e da opressão vivenciadas pelo sexo feminino, em um ambiente em que, por qualquer fuga do modelo engessado de mulher ideal, eram levianamente denegridas.

A maior motivação para escrever este trabalho foi a escolha pela temática da loucura, que, creio eu, por muito tempo ainda suscitará debates, certezas, medos, desconfianças e violência por conta das repressões vivenciadas pelos indivíduos e das opressões a que foram (e ainda são) submetidos em diversas épocas e contextos da existência humana. Portanto, aqui, neste trabalho, mais uma página de interpretação literária é dedicada a ela, à loucura, para destacar a relevância da obra *Cães da Província* como exemplo de literatura brasileira do qual se pode analisar este tema.

## 2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

Quando Luiz Antonio de Assis Brasil escolheu o retrato de uma sociedade provinciana para delinear as tramas do romance, acabou por, igualmente, usufruir de um aparente pano de fundo para entrelaçar as vidas expostas no enredo. Além de reconstruir a sociedade de uma dada época, o autor ficcionalizou figuras que existiram, modelou o psicológico de cada um dos indivíduos, sem dispô-los como biográficos. É no contraste entre sociedade e personagens que *Cães da Província* se constitui.

O alicerce da história está na loucura de um dramaturgo incompreendido na época em que viveu: Qorpo-Santo. É por essa loucura – por vezes tecida como algo normal, sem nenhum tipo de banalização –, que o leitor é conduzido a desenrolares consequentes, em sua maioria, das ações de Qorpo-Santo. É pela figura dele que a primeira cena do livro, após uma longa descrição que apresenta os ambientes, é traçada, e é também por ele que o romance termina de ser tecido. A história, basicamente, divide-se em dois conflitos superiores: o primeiro trata da visão da sociedade frente à figura de Qorpo-Santo, bem como de seus conflitos com Inácia e com a Justiça; o segundo conflito, por sua vez, é engatado pelo sumiço de Lucrecia, esposa de Eusébio – amigo de Qorpo-Santo –, em que o marido, para não passar por traído perante a sociedade, forja, por influência do dramaturgo, a morte da própria mulher.

A primeira edição de *Cães da Província* saiu em 1987; a edição aqui utilizada, no entanto, foi editada em 2010 pela L&PM e possui 264 páginas, divididas em três partes: I) ... *Divinizemo-nos antes, se pudermos*, II) *Como pode um homem provar que não é louco?*, III) *Onde termina a mentira, começa o sonho...*. A primeira parte encaminha a história por meio dos conflitos pessoais de Qorpo-Santo (o protagonista do romance), de Eusébio (o possível 'segundo protagonista', ou, por outro lado, antagonista) e as problematizações em torno d'Os Crimes da Rua do Arvoredo. Na segunda parte, o romance engata uma série de conflitos envolvendo a noção de loucura – evidenciação não explícita ao leitor, mas que, na verdade, constrói-se sob um sutil teor social. Vê-se, portanto, a forma de loucura delineada não somente em Qorpo-Santo, mas também em outros personagens do romance, principalmente em Eusébio. A terceira parte do enredo põe fim à problemática em

torno de Eusébio e concretiza – por outro lado, atenuando – a loucura de Qorpo-Santo, como algo não-banal e intrínseco ao personagem.

Embora se considere Qorpo-Santo como protagonista do romance, possivelmente, o *leitor* está sujeito a se confundir e a estabelecer o personagem Eusébio como tal. O narrador, predominantemente onisciente e onipresente, conduz os acontecimentos de forma a impactar no leitor a imprecisão sobre qual dos dois personagens é retratado como protagonista e antagonista.

Vê-se, ao transcorrer da narrativa, uma modelação da loucura em Eusébio tão profunda quanto a vista em Qorpo-Santo, pois é por aquele que o *leitor* pode construir uma concepção de loucura – construção essa que não é perceptível neste, já que tal característica não o pormenoriza aos olhos do leitor. E a loucura de Eusébio é aflorada em decorrência das impressões que a sociedade poderia assumir sobre sua imagem.

Quando fica sabendo da fuga de Lucrecia, Eusébio decide, por influência de Qorpo-Santo, enganar a província, utilizando-se dos acontecimentos que vinham ocorrendo na época – o pano de fundo do romance, o caso policial chamado de “Os Crimes da Rua do Arvoredo”. O personagem, com escopo de preservar a sua integridade diante dos olhos alheios, dissemina a ideia de que a esposa desapareceu em decorrência dos últimos acontecimentos, dando a entender que fora morta. A essa altura, o leitor já tem consciência de que a mulher fugira com o amante, e que Eusébio, em sua subjetividade, nada mais fazia do que tentar manipular as impressões sociais ao seu favor. A partir da ideia de Qorpo-Santo, as primeiras linhas da loucura começam a ser traçadas em Eusébio.

Nesse viés, a loucura é o tema central da narrativa de terceira pessoa; é por meio dela que os demais personagens mostram suas múltiplas facetas, os lados mais obscuros da existência humana. Em Eusébio, o desequilíbrio das emoções, concatenados ao temor do julgamento social, lineariza o caminho da loucura. O personagem caminha, em meio a desabafos a Qorpo-Santo e a desentendimentos com ele, à manifestação mais absurda e cruel da loucura. O protagonista do romance, por exemplo, revela ao leitor uma face positiva da loucura, a qual se mostra, por comportamentos socialmente inadequados, uma afronta às convenções sociais. Contudo, em Eusébio fica evidente o descontrole da razão e da emoção,

transgredindo, mesmo que de maneira oculta, todas as possíveis convenções sociais – principalmente aquelas referentes ao respeito à vida.

A descrição dos ambientes porto-alegrenses do século XIX expõe, fortemente, a influência que a sociedade exerce sobre os personagens do romance, contribuindo tanto para a interdição de Qorpo-Santo, no desfecho da história, quanto para o clímax, quando Eusébio se rende às impressões sociais e mergulha em contradições providas da loucura. As imagens construídas no primeiro capítulo são véus que recobrem as condições que a sociedade impõe. O tema *loucura* é visto sob outras perspectivas, não delimitado somente ao protagonista e ao antagonista. De um lado, Os Crimes da Rua do Arvoredo são protagonizados por um casal aparentemente normal, que, em determinada parte do enredo, são revelados como assassinos. A partir disso, fica evidente o julgamento social a quem comete algum tipo de atrocidade, assim como, também, iniciam-se inúmeros questionamentos sobre a motivação dos crimes. É a loucura, mais uma vez, mostrando uma de suas facetas. Ao final do romance, Eusébio torna-se um criminoso como o casal, visto que assassina a esposa, porém, fica livre do julgamento social por ter conseguido ocultar as atrocidades que cometeu.

O artista que concebeu as tramas do romance utilizando-se de múltiplos episódios de loucura é Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor gaúcho, natural de Estrela, Rio Grande do Sul. Formado em Direito, também fez parte da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), período que lhe proporcionou um maior contato com o mundo das artes. De violinista e advogado, Assis Brasil entrou no Ensino Superior em Letras, no qual se tornou Doutor. Reconhecido por críticos literários, dentre eles Alfredo Bosi, Assis Brasil teve parte de suas publicações consideradas como verdadeiras obras-primas da Literatura Brasileira, por romances como *Concerto Campestre* (1997), *Videiras de Cristal* (1990) e o aqui analisado e interpretado, pela temática da loucura, *Cães da Província* (1987).

### 3 CÃES DA PROVÍNCIA, O NOVO ROMANCE HISTÓRICO E A LOUCURA

A partir de elementos históricos, Luiz Antonio de Assis Brasil recria o universo da capital da Província, fazendo o diálogo entre ficção e realidade. *Cães da Província* é, nesse sentido, categorizado como novo romance histórico, e a grande maioria dos trabalhos já realizados sobre a obra parte das características deste gênero literário para iniciar suas análises.

Baumgarten (2001) afirma que, a partir da década de 80, no Rio Grande do Sul, a literatura se voltou para a história, preferencialmente, com base em dois processos: reescrita da história oficial e revisão de aspectos referentes à história literária regional. Segundo o autor, *Cães da Província* está inserido no segundo grupo, pois, como sabemos, apresenta Qorpo-Santo, escritor gaúcho que viveu no século XIX e para quem ainda não foi enquadrado o devido reconhecimento por sua obra.

A literatura a respeito do livro *Cães da Província* é composta, sobretudo, de estudos que, como em Baumgarten, relacionam o romance com o personagem histórico e o contexto histórico ao qual ele faz referência – trata-se de um período do século XIX, sob o reinado de Dom Pedro II. A leitura de Arias (2009) também apresenta o texto de Assis Brasil como novo romance histórico, pois, de acordo com a autora, “a vertente associada ao romance histórico contemporâneo trata de resgatar elementos peculiares através da releitura da história da leitura ilimitada dos fatos ocorridos no passado, criados pelo homem ou por ele sacralizados” (ARIAS, 2009, p. 13). Trata-se, então, de interseccionar a história com existências individuais; é desse modo que *Cães da Província* se afasta da historiografia oficial, pois, embora utilize fatos históricos, reescreve-os de uma forma particular.

O texto de Assis Brasil possui intertextualidade, pois faz referências a fatos históricos e mesmo a peças escritas pelo próprio Qorpo-Santo, tais como *Mateus* e *Mateusa* e *As Relações Naturais*. Dessa forma, como vemos, a inspiração histórica tem papel fundamental para o desenvolvimento do romance. Reconhecida a importância de situar a obra de Assis Brasil nesse universo de diálogo da literatura com a história, o foco deste trabalho, no entanto, é analisar a questão da loucura a partir do personagem Qorpo-Santo e sua relação com a sociedade e com espaços pelos quais transita. A literatura como fonte para discussões a respeito da loucura

aparece em diversas áreas, tais como a Sociologia. Lima, por exemplo, ao tratar da exclusão social no século XIX, afirma que:

Aquele que não seguia o padrão comportamental que a sociedade determinava como uma pessoa sã passou a ser “diferente” e caracterizado como louco. A loucura foi transformada em uma identidade para representar não apenas o louco de origem psicossomática, mas todos aqueles que estivessem para além do padrão social estabelecido. (LIMA, 2011, p. 142)

Na literatura brasileira, muitos autores trataram do tema antes de Assis Brasil; destaca-se, sobretudo, *O Alienista*, de Machado de Assis, cujo protagonista, o médico Simão Bacamarte, tem por objetivo tratar, na Casa Verde, todos os loucos da cidade. Entretanto, os critérios para considerar um indivíduo louco ou não tornam-se cada vez mais confusos, na medida em que qualquer pessoa que fugisse a uma norma deveria ser tratada. Diferentemente de *O Alienista*, em *Cães da Província*, não é um indivíduo apenas que julga uma sociedade inteira, é um agrupamento social que julga um único integrante que ousa arremessar verdades em sua engessada estrutura de “bons” costumes.

Por perceber a relevância de tratar do tema da loucura e a falta de estudos que se dediquem a este foco de análise no romance histórico *Cães da Província*, aqui proponho ampliar a discussão sobre a temática nesta obra que oferece exemplos literários sobre episódios de loucura na vida de pessoas aparentemente “normais” e na vida daquele que mistura genialidade e loucura.

Sem fazer um estudo histórico sobre a completude da obra, cuja relevância para análise comparativa com a ficção já foi bastante abordada anteriormente, aqui trato da temática da loucura a partir de noções filosóficas da Loucura, de Erasmo, que se autoelogia e assume um papel deísta ao afirmar que é responsável por todas as ações humanas que, no fundo, só podem ser consideradas mesmo loucas, se forem racionalmente analisadas. Também me apoio no extenso estudo organizado por Michel Foucault sobre a loucura através da história – em que se relativiza a existência do louco, sem deixar de apontar que o contexto quase sempre determinava se sua influência e manifestação eram perigosas ou não:

O louco é o outro em relação aos outros: o outro – no sentido da exceção – entre os outros – no sentido do universal. Toda forma de interioridade é, agora conjurada: o louco é evidente, mas seu perfil se destaca sobre o espaço exterior; e o relacionamento que o define entrega-o totalmente, através do jogo das comparações objetivas, ao olhar do sujeito razoável. (FOUCAULT, 2014, p. 183)

#### 4 EPISÓDIOS DE LOUCURA EM CÃES DA PROVÍNCIA

*“Em minha opinião, quanto mais espécies de loucura houver, maior a felicidade, desde que não se saia do gênero de loucura que me é próprio – gênero tão geral e extenso que duvido se possa encontrar em toda a superfície do globo um único homem que seja sábio em todos os momentos, e que não sinta de tempo em tempo algum efeito do meu poder.”*

Erasmus, *Elogio da Loucura*

Um episódio de loucura é uma manifestação psicossocial, pois, além de interferir na psicologia individual, acaba por, conseqüentemente, atingir a vida social do indivíduo. Primeiro há uma ruptura em seu interior, que reflete diretamente em sua maneira de raciocinar e interpretar o mundo à sua volta. Por conseguinte, o seu comportamento muda drasticamente, e as pessoas que o conhecem e que convivem com ele passam a desconfiar de que o indivíduo não está agindo dentro daquilo que acreditam ser o “normal” – ou apenas o *seu* “normal”.

Ao pensar a loucura como uma manifestação episódica, algo que pode vir a ocorrer a qualquer ser humano, mas que foge do controle de alguns em maior ou menor intensidade, investigamos não apenas o louco, mas o que é essa loucura da qual fala o senso comum, a literatura, a filosofia e, claro, a psiquiatria; o que essa loucura representa e como ela afeta o indivíduo e a estrutura social à qual ele pertence.

Aqui interessa saber em que lugares se esconde e se manifesta a loucura. Será exclusivamente na cabeça ou terá algo a ver com o coração? E como comportar, definir, categorizar, diagnosticar, maldizer ou elogiar para descobrir de que maneiras a loucura está inserida em uma sociedade provinciana do século XIX?

Os episódios de loucura nem sempre estão explícitos como grandes atos fora da normalidade de um aglomerado urbano aparentemente pacato; às vezes, estão adormecidos nos desejos, nos sentimentos e nas ambições de seus habitantes. *Cães da Província* nos apresenta personagens que são enredados em tramas que os levam a confrontar a loucura exterior e interior.

#### 4.1 A loucura e Qorpo-Santo

*“Não sei porém o que me inspirou continuar no mais improfícuo trabalho! Vou levantar-me; continuá-lo; e talvez escrever em um morto: talvez nesse por quem agora os ecos que inspiram pranto e dor despertam nos corações dos que os ouvem, a oração pela alma desse a cujos dias Deus pôs termo com a sua Onipotente voz ou vontade!”*

Qorpo-Santo, *As Relações Naturais*

Um nome lunático ou um nome santificado espiritualmente? Ao leitor desavisado sobre quem é Qorpo-Santo no mundo real, a informação histórica do surgimento de seu pseudônimo pode passar em branco durante a leitura de *Cães da Província*. Devido ao que se aceita hoje como fato histórico, sabe-se que, quando José Joaquim de Campos Leão decidiu autoproclamar-se Qorpo-Santo, foi por conta de ter recebido uma iluminação espiritual. Já a utilização de Q ao invés de C tem explicação no romance.

Em *Elogio da Loucura*, de Erasmo, a narradora e protagonista do ensaio é a própria Loucura, que pratica o autoelogio e justifica a sua existência como imprescindível para a raça humana. Se fôssemos comparar a protagonista do ensaio com um dos personagens de *Cães da Província*, diríamos que sua ilustre figura exerce maior influência sobre o personagem Qorpo-Santo, pois ambos compartilham a tendência de se autoelogiarem e divinizarem-se.

Desde o início da leitura, sabemos que Qorpo-Santo é um personagem singular, a começar pelo seu nome. Ele “sabia que dentro de si palpitava o gênio, mas não conhecia a direção em que sua genialidade iria se exercitar (ASSIS BRASIL, 2010, p. 26)”. Tem ideia de escrever peças teatrais, uma enciclopédia, uma epopeia ou propor uma nova ortografia. Nesse momento, descobrimos o porquê de ele utilizar Q ao invés de C em seu nome. Em tal sistema ortográfico, “a letra c com som de k seria sempre grafada com q [...] Para que o u depois do q, se não servia para nada? (ASSIS BRASIL, 2010, p. 26)”.

Se hoje se sabe o quanto uma reforma ortográfica pode causar polêmica, pode-se imaginar que não seria diferente no século XIX – ainda mais uma com interesses tão particulares como a de justificar a escrita do próprio nome. Diante de

tais considerações sobre seu nome e a importância que o personagem dá a ele, podemos nos reportar a outra passagem significativa do romance. Nela, Qorpo-Santo está escrevendo, em forma de ficção, o plano que arquitetou com Eusébio para enganar a Província. Lista todos os personagens, mas se exclui “por um invencível pudor” e complementa: “Afinal, Deus nunca pertenceu à Criação.” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 85). Dessa maneira, é ainda mais perceptível o egocentrismo do personagem e a sua tendência ao autoelogio.

Além de sua vaidade, Qorpo-Santo é dotado de uma perspicácia ferina na hora de elucubrar sobre a sociedade a qual pertence. Ao discutir com seu criado, Inesperto, sobre o fato de quererem tomar-lhe a administração de seus próprios bens por o considerarem doente, Qorpo-Santo questiona as pessoas sadias que comeram linguíça de carne humana e que andavam, posteriormente, vomitando pelos cantos por conta dos crimes da Rua do Arvoredo:

- Vomitam a sua própria insanidade mental. Sem querer, sem se aperceberem, suas bocas comeram e seus dentes mastigaram os corpos de seus semelhantes, foram traídos pela sua sadia gula, por seus sadios estômagos, e agora percebem que os estômagos e a gula estavam enlouquecidos. (ASSIS BRASIL, 2010, p. 98)

Nesse episódio, Qorpo-Santo argumenta que está servindo de bode-expiatório para o seu agrupamento urbano. O representante da loucura que acometeu momentaneamente “as pessoas sadias” deveria servir de exemplo e receber punição adequada à sua posição de louco, como se sua loucura fosse contagiosa, deixando, assim, em paz a consciência da Província; mesmo que ele nada tenha a ver com os assassinos que transformaram suas vítimas em linguíça. Inesperto, muito aflito e confuso diante de tantas elucubrações, pede que o patrão fale com Inácia, sua esposa, para que ela retire o processo de interdição; sugerindo que ele dê um dinheiro a ela para que a esposa sumisse de sua vida para sempre.

Qorpo-Santo não deseja livrar-se de Inácia. A sua maneira, ele ainda a ama e a deseja – o que acaba por lhe causar mais desatinos e confusões mentais. Todas as noites, na cama, ele “estende a mão para o lado [...] só para depois constatar que de fato está apartado de Inácia há um bom tempo, sem possibilidade de reconciliação (ASSIS BRASIL, 2010, p. 43)”. Neste episódio ele pensa em como ficariam prejudicadas as relações naturais, já que estava impedido de praticá-las com sua esposa – fato que demonstra que ele, como outros de sua época, mantinha

também intacta a moral de certos costumes. Qorpo-Santo usa, inclusive, o argumento com Eusébio de que o casamento seria a melhor forma para consolidar as relações naturais quando o amigo foi lhe pedir conselhos sobre o futuro enlace matrimonial.

A loucura de Qorpo-Santo vai se manifestando em pequenos detalhes como, por exemplo: o fato de ele decidir entrar pela janela de sua casa com o auxílio de uma escada, inutilizando a porta; o fato de gritar xingamentos de sua janela para a rua; as dificuldades de se manter exercendo uma atividade estável para sustentar a si, sua esposa e três filhas; e o fato de ele conversar, em sua imaginação, com Napoleão III – que compartilha com ele a mania de grandeza, a ânsia pelos grandes feitos. Esses desvios da conduta padrão fizeram ecoar em seu aglomerado urbano inúmeros comentários sobre sua loucura explícita e, devido aos demais acontecimentos escabrosos da Província, acender na população a vontade de erradicar alguém tão imprevisível como Qorpo-Santo, que poderia vir a provocar novos escândalos dentro da rotineira sociedade de aparências, pois:

“[...] Se a loucura é um exemplo no mundo do internamento, se ela é manifestada enquanto se reduz ao silêncio todos os outros signos do desatino, é porque ela atrai sobre si todos os poderes do escândalo. Ela percorre todo o domínio do desatino, reunindo suas duas margens opostas, a da escolha moral, da falta relativa, de todas as fraquezas, e a da raiva animal, da liberdade acorrentada ao furor, da queda inicial e absoluta: a margem da liberdade clara e a margem da liberdade escura. Acumulada num único ponto, a loucura é o todo do desatino: o dia culpado e a noite inocente.” (FOUCAULT, p. 161)

Qorpo-Santo, após tantos desatinos, é visto como a personificação da loucura para aquela sociedade que teme o escândalo acima de qualquer outra coisa. Suas escolhas não são condizentes à totalidade da moral e “bons” costumes da época, revelando suas fraquezas e o deixando à mercê da decisão de ser internado contra a sua própria vontade, pois se temia essa liberdade animalesca que por vezes ele expressava (como, por exemplo, no episódio em que sai nu para a rua).

A insanidade contorna, na figura de Qorpo-Santo, um jogo de verossimilhança, fato que pode ser percebido durante conversas entre ele e Napoleão, quando esta é incrementada internamente no enredo no âmago do personagem escritor. As cenas em que Napoleão surge são expostas de forma natural, como se ele fosse, pela perspectiva de Qorpo-Santo, um personagem real. Os dois interagem e, em momento algum, o narrador da história se refere a

Napoleão como um devaneio do escritor; simplesmente descreve as cenas com naturalidade, tornando o produto da loucura do escritor um elemento verossímil no enredo. A loucura de Qorpo-Santo evidencia-se, assim, como um *livro aberto*, no qual suas visões adquirem, sobrepostas pela obra de Assis Brasil, uma verossimilhança interna. Do ponto de vista dos personagens que cercam Qorpo-Santo, a visão de Napoleão não passa de um devaneio insano; no entanto, para o leitor de *Cães da Província*, as visões constituem, sem quebra alguma, uma progressão da narrativa:

“Napoleão III e ele, embora diferentes em tudo, buscam o objetivo comum de todos os seres: não morrer, deixar um rastro indelével de feitos que marquem sua passagem pela fantástica experiência da vida. Homens com essa chama não morrem na consciência dos outros homens, serão lembrados até o fim dos séculos. E pretender isso é legítimo; o Supremo criador não nos teria dado uma inteligência e uma sensibilidade unicamente para contemplarmos um belo pôr do sol. E ele, Qorpo-Santo, já começa a sentir as primeiras palpitações da eternidade na turbulência criadora de que se sente possuído: escreverá, e logo, o arremate daquela história audaz. Assim o exige seu destino.” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 228)

Assim, a genialidade e a loucura de Qorpo-Santo se misturam em uma ânsia por reconhecimento, por não pertencerem à mesmice dos dias a que estava submetido dentro da sociedade porto-alegrense do século XIX. E, pelas vontades, desejos e emoções, sua razão em diversos episódios sucumbiu à loucura que expressava dentro de um ambiente claustrofóbico, em que ele não conseguia encontrar uma direção a seguir por ser um incompreendido, um estranho, o *louco* da Província.

## 4.2 A loucura e os psiquiatras

*“A loucura designa o equinócio entre a vaidade dos fantasmas da noite e o não-ser dos juízos da claridade.”*

Foucault, *História da Loucura*

Quando o processo de interdição de Qorpo-Santo se inicia, dois psiquiatras são requisitados para fazerem a avaliação do louco da Província: o Dr. Landell e o Dr. Joaquim Pedro – que, desde suas primeiras aparições no romance, são apresentados como profissionais que possuem opiniões divergentes. O início de suas elucubrações a respeito do caso a que foram incumbidos de analisar parece remeter a um tom filosófico, pois o Dr. Landell afirma que “no imaginário do nosso mundo a loucura é uma coisa aquática, os loucos têm um espírito profundo e turbulento como as correntezas, jamais poderemos adivinhar-lhes o fundo (ASSIS BRASIL, 2010, p. 90)”.

Assis Brasil (2010) constrói o personagem do Dr. Landell como o alienista que possui uma visão mais clássica e engessada a respeito dos loucos, pois o psiquiatra crê que eles escapam a qualquer compreensão e que a mente enlouquecida é pior do que o barrento lago Guaíba. Ainda sobre suas observações sobre a afinidade entre o louco e a água, o doutor continua:

- Um louco possui fascínio inato pela água, por uma questão de afinidade com seu espírito confuso, e assim como você não pode clarificar este Guaíba, você também não pode entendê-lo; lembre-se daquela famosa Nau dos Insensatos, que tanto já produziu nos gêneros literários e artísticos. Por que estão os loucos numa nau, e não a pé firme? Veja você este homem que nos deram para examinar e atestar a sanidade ou insanidade; de nós esperam um laudo definitivo que diga se é louco ou se não é; não é preciso ter uma metafísica para incluí-lo na tripulação da Nau; seus olhos têm a complexidade das marés e dos repuxos, nem é preciso que nós, alienistas, atestemos este fato. (ASSIS BRASIL, 2010, p. 90)

É nesse momento que a discussão sobre a saúde mental de Qorpo-Santo se aprofunda entre ele e o Dr. Joaquim Pedro. Interessante também chamar a atenção para a “Nau dos Loucos”, que aparece na citação anterior, pois, no final do romance, Qorpo-Santo, de fato, viaja em uma embarcação rumo ao Rio de Janeiro, onde irá, teoricamente, tratar-se de sua loucura. Foucault (2014) também menciona a Nau dos Loucos quando explicita o caso de um abade, internado em 1704 porque cometia em excesso o pecado da usura. Assim sendo, ele é considerado “insano,

não porque perdeu o uso da razão mas porque ele, homem da Igreja, [...] caiu à margem da ordem moral que lhe é própria (FOUCAULT, 2014, p. 136)” – ou seja, para a sociedade de sua época, ele era moralmente insano devido a sua falta de ética. Pode-se depreender, pelos comentários do Dr. Landell, a respeito de Qorpo-Santo, que há uma certa inclinação da parte dele a considerá-lo louco e impossível de compreender quando ele o julga pela aparência, o olhar diferenciado – sem de fato ter certeza de que Qorpo-Santo seria ou não pertencente à Nau dos Loucos devido à “força viva da loucura (FOUCAULT, 2014, p. 136)” que arrasta os verdadeiramente loucos até ela. Desde as primeiras impressões, percebe-se que o Dr. Landell está do lado da sociedade porto-alegrense do século XIX e compartilha de seu sentimento em relação ao já considerado “louco da Província”, mas:

Deixemos ao psiquiatra o trabalho de reconhecer que o “ríspido” é um paranoico ou de diagnosticar uma bela neurose obsessiva nesse “espírito desordenado que elabora uma devoção a seu gosto”. O que é designado nessas fórmulas não são doenças, mas formas de loucura que seriam percebidas como o extremo de *defeitos*. Como se, no internamento, a sensibilidade à loucura não fosse autônoma, mas ligada a uma certa ordem moral onde ela só aparece a título de perturbação. (FOUCAULT, 2014, p. 136)

É o Dr. Joaquim Pedro que questiona esta ligação do diagnóstico à ordem moral. Para ele, os *defeitos* de Qorpo-Santo e suas ações incompreensíveis para a sociedade se dá no campo das faculdades afetivas. Ele acredita que as faculdades intelectuais do dramaturgo estão intocadas, porém, em diversos momentos o campo das emoções prevalece sobre o campo da razão, estabelecendo-se aí o problema para o avaliarem psicologicamente. Landell, ao contrário, crê que há um problema de ordem física no cérebro de Qorpo-Santo que afeta a sua inteligência por completo; mas Joaquim Pedro argumenta que um indivíduo “ama ou odeia e no entanto isso nada tem a ver com sua inteligência. O problema todo está em deixar que o amor ou o ódio prevaleçam sobre a razão (ASSIS BRASIL, 2010, p. 93)”. Landell, com uma visão mais prática e procurando dar concretude à loucura ao ser simpático à ideia de que banhos frios acalmariam o cérebro e atenuariam a loucura, indaga o colega sobre o possível tratamento do afeto. A resposta de Joaquim Pedro se aproxima do que é praticado na Psiquiatria contemporânea, pois ele diz que a loucura é uma perturbação e que é preciso compreender suas causas e razões, tratando-a separadamente da inteligência. Os dois alienistas, mesmo divergindo em

opiniões, estão comprometidos em encontrar uma solução clínica para Qorpo-Santo, pois:

A consciência científica ou médica da loucura, ainda que reconheça a impossibilidade de operar uma cura, está sempre virtualmente comprometida num sistema de operações que deveria permitir eliminar seus sintomas ou dominar suas causas. Por outro lado, a consciência prática que separa, condena e faz desaparecer o louco está necessariamente misturada com uma certa concepção política, jurídica e econômica do indivíduo na sociedade. Por conseguinte, a divisão é outra. Aquilo que se encontra de um lado da divisão – tanto teórico quanto prático – é a retomada do velho drama da exclusão, é a forma de apreciação da loucura no movimento de sua supressão: aquilo que, por si mesmo, consegue formular-se em seu aniquilamento ora organizado. (FOUCAULT, 2014, p. 174)

No entanto, as intenções por trás da internação de Qorpo-Santo parecem estar mais relacionadas com estas concepções políticas, jurídicas e econômicas, a fim de excluí-lo do convívio organizado da sociedade. Inácia, motivada pelo desejo de administrar os bens do marido, inicia o processo que desencadeia a supressão da *loucura*, ameaça e perigo que representava o dramaturgo para a Porto Alegre do século XIX. O Dr. Landell e o Dr. Joaquim Pedro não chegam a um consenso a respeito da sanidade ou insanidade de Qorpo-Santo, cabendo, portando, ao juiz que estava cuidando do caso sentenciar seu destino rumo a sua exclusão do mundo dos civilizados, causando certo espanto quando não concedeu à Inácia o papel de curadora dos bens do marido, delegando tal função a um comerciante bem sucedido da Província. O juiz ainda sentencia que Qorpo-Santo passe por uma nova perícia no Rio de Janeiro, por desconsiderar o laudo do Dr. Joaquim Pedro (que não corroborava a vontade dos provincianos). Dessa forma:

O internamento é a prática que melhor corresponde a uma loucura sentida como desatino, isto é, como negatividade vazia da razão; nele, a loucura é reconhecida como não sendo *nada*. Isto significa que de um lado ela é imediatamente sentida como diferença, donde as formas de julgamento espontâneo e coletivo que se pede, não dos médicos, mas dos homens de bom senso, a fim de determinar o internamento de um louco. (FOUCAULT, 2014, p. 249)

Findado o processo de Interdição de Qorpo-Santo, a Província pôde, enfim, descansar, pois: “O louco desafiador dos princípios do bom convívio teve sua insânia reconhecida pela autoridade judicial, que neste caso bem espalhou a *vox populi* de que falam os textos sagrados (ASSIS BRASIL, 2010, p. 236)”. A diferença que Qorpo-Santo provocava na ordem estabelecida dos padrões comportamentais fez com que seu direito de circular livremente nessa sociedade fosse revogado e sua

existência no meio social ao qual pertencia abolida devido à vontade, no final das contas, de homens de “bom senso” e não dos médicos do romance.

Resta saber, qual laudo recairia sobre a atitude do juiz que “entremeou sua fala com os mais finos e incompreensíveis latins e citações doutrinárias dos mais insignes juristas (ASSIS BRASIL, 2010, p. 235)” a fim de exercer seu poder para decidir a vida, não de um criminoso como Eusébio, mas de um gênio acometido por episódios de loucura. Em *Elogio da Loucura*, os juristas não escapam ao julgamento da protagonista de Erasmo que diz que:

Eles julgam-se os maiores de todos os sábios, e nenhum mortal se admira tanto quanto eles quando [...] entrelaçam quinhentas ou seiscentas leis umas com as outras, sem se importar se elas têm ou não relação com os assuntos de que tratam; quando amontoam glosas sobre glosas, citações sobre citações, fazendo assim o vulgo acreditar que sua ciência é uma coisa muito difícil. Pois estão convencidos de que nada é mais admirável que o que custa muito esforço e trabalho. (ERASMO, 2016, p. 81)

Mesmo diante das elucubrações psiquiátricas, é a sentença do juiz muito bem elaborada e intrincada que vale como palavra final. No entanto, o juiz não fica sem passar por uma pequena crise diante do tamanho da loucura a que está submetido: julgar insano alguém sem o conhecimento próprio para isso, pois acaba revisitando outros casos em que, provavelmente, sentenciou pobres coitados a penas duras demais. Após redigir, em casa, a sentença, ele “vomita seus males, entremeando soluções, trespassado de pavor pela possibilidade de acordar a mulher e seu próprio passado (ASSIS BRASIL, 2010, p. 222)” – como se fosse a Loucura, de Erasmo, que ali estivesse para lhe cobrar uma obrigação devida, pois ele, o juiz, seria o representante máximo daquela sociedade que apontava e zombava a loucura alheia, sem perceber em si mesma a razão de todos os males e a própria loucura.

### 4.3 A loucura e as relações sociais: o casamento

*“E, de boa-fé, qual é o mortal que quereria sujeitar-se ao casamento se tivesse considerado antes, como homem sensato, os inconvenientes desse estado? Qual a mulher que cederia às demandas amorosas de um homem, se tivesse pensado a sério nos incômodos da gravidez, nas dores, nos perigos do parto e nos trabalhos penosos da educação?”*

Erasmus, *Elogio da Loucura*

Ao analisarmos as relações sociais exploradas em *Cães da Província*, não podemos deixar de ressaltar o caráter de destaque exercido pelo casamento como parte fundamental das tramas que se desenrolam e dos papéis que cada um dos personagens ocupam na sociedade. Homens e mulheres do século XIX buscavam, no casamento, o próximo passo lógico a ser tomado na vida adulta: a estabilidade e o *status* de respeito diante do grupo social ao qual pertenciam – ainda mais no universo recriado por Assis Brasil, em que há forte influência dos dogmas católicos. Uma vez casados, para uma sociedade patriarcal e conservadora, separações, adultérios e quaisquer outros tipos de escândalos dentro do matrimônio poderiam configurar em vergonha abissal, visto que todos, à época, eram regidos por uma conduta que priorizava as aparências como norma acima de qualquer verdade:

Mas, quando os costumes constituem a própria substância do Estado, e a opinião o elo mais sólido da sociedade, o escândalo torna-se a forma mais temível da alienação. Através dele, o homem torna-se irreparavelmente estranho ao que existe de essencial na sociedade, e a punição, ao invés de manter o caráter particular de uma reparação, assume a forma do universal; ela está presente na consciência de cada um, é efetivada pela vontade de todos. (FOUCAULT, 2014, p. 444)

Para enganar a Província e evitar que o amigo fosse vítima da opinião alheia a respeito de sua má sorte no casamento, Qorpo-Santo arquiteta uma armação engenhosa e mórbida a partir do drama vivido por Eusébio, quando sua esposa o abandona. A fim de evitar o escândalo por ter sido traído e abandonado por uma esposa infiel, Eusébio aceita se submeter ao plano do amigo. Porém, a vida real pode ultrapassar até mesmo as artimanhas de Qorpo-Santo e engendrar fatos ainda mais temíveis dos que os que foram inventados por ele, culminando em um final

ainda mais trágico para Lucrecia – não previsto pelo dramaturgo. A pressão social sobre a manutenção dos costumes atormentava Eusébio desde o início de seu casamento, culminando na realização, para seu desespero, do seu pior temor. Mesmo diante de sua desonra privada, Eusébio não poderia tornar-se um estranho para a sociedade; deveria, a todo custo, evitar o escândalo para manter o elo que o mantinha conectado à unidade de seu grupo social – nem que, para isso, tivesse de praticar e esconder sua própria *loucura*.

A tragédia talvez pudesse ter sido evitada caso Eusébio tivesse seguido fielmente os costumes de sua sociedade e fosse procurar uma esposa dentro de sua classe social. O início do escândalo – ou, ao menos, a desconfiança em relação à esposa do negociante – se dá a partir das elucubrações que são feitas a respeito das origens da moça. Dessa forma, o casamento de Eusébio e Lucrecia pode, então, ser inicialmente considerado uma *loucura* por fugir do padrão estabelecido como correto para a sociedade porto-alegrense do século XIX. Historicamente, no Brasil, sabemos que o casamento estava intimamente vinculado a questões étnicas e classistas. Em artigo escrito por Eni Samara, do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, a historiadora afirma que, no século XIX:

[...] os matrimônios se realizavam num círculo limitado e estavam sujeitos a certos padrões e normas que agrupavam os indivíduos socialmente, em função da origem e da posição sócio-econômica ocupada, fato que não eliminou a fusão dos grupos sociais e raciais que ocorreu paralelamente, através de uniões esporádicas e da concubinação que dinamizavam as relações entre os sexos. (SAMARA, 1987/1988, p. 93)

O mesmo ocorria na sociedade porto-alegrense do século XIX. Em *Cães da Província*, o exemplo mais questionável de enlace matrimonial é o de Eusébio e Lucrecia. Uma união questionável, em primeiro lugar, por causa da escolha da noiva, que é descrita pejorativamente como “filha da terra” devido às suas origens. Ela é filha de um castelhano e de uma indígena – ou seja, fruto de uma união paralela ao que era estabelecido como apropriado e desejável pela elite branca:

[...] as alusões e críticas severas encontradas em documentos dos fins dos séculos XVIII e do XIX, relativas à falta de pureza de sangue e a matrimônios com mulheres de baixa condição, nos levaram a admitir a existência de pressões para evitar a realização de matrimônios desse tipo, o que não significa que deixassem de ocorrer. (SAMARA, 1987/1988, p. 97)

Mesmo em dúvida quanto à inferioridade do sangue de Lucrecia, por conta da mistura bugre e castelhana, o casamento aconteceu – o que não evitou os comentários a respeito de sua ascendência. No entanto, com o passar do tempo, Lucrecia parecia ter sido aceita pela sociedade, apesar dos “olhos puxados” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 22), pois a jovem esposa de Eusébio era piedosa e assídua participante da vida religiosa junto à sociedade da elite branca, da qual agora fazia parte. Diziam que o casório rico e o contato com pessoas de “bem” haviam a engrandecido – ao menos as aparências demonstravam isso.

Passada a *loucura* inicial pela escolha da noiva, é interessante prestar atenção na modificação que se dá no espaço de convívio do casal no início e no final da trama. Para tanto, algumas orientações da toponálise, oferecidas pelo Prof. Dr. Oziris Borges Filho, da UFTM, servirão como referência. A chegada da noiva em sua nova moradia proporciona uma ideia de deslumbramento, pois Lucrecia se encanta com todos os bens materiais que, agora, passam a lhe pertencer – já que havia sido criada em um lugar modesto sob rígida educação católica. A descrição do ambiente novo, preparado especialmente para ela e Eusébio iniciarem sua vida de recém-casados, gera certa expectativa ao acompanharmos o otimismo do marido em relação à jovem esposa. O ambiente, composto pelo cenário mais o clima psicológico (BORGES FILHO, 2008), faz com que também embarquemos no otimismo de Eusébio e torçamos pela felicidade do casal – já que tudo é novo e brilhante e o amor (ou a *loucura*) do cônjuge parecia não ter limites quando se tratava de agradar Lucrecia.

A casa dos dois é percebida como contendo um clima de leveza, um espaço bem iluminado e arejado, servido por vários criados, contendo móveis e objetos requintados que qualquer jovem recém-casada do século XIX gostaria de possuir. Porém, o encantamento de Lucrecia parece passar rapidamente, despertando nela atitudes desaprovadas pelo marido – que vai manifestando sua *loucura* em forma de medo de um escândalo diante da sociedade de aparências devido aos arroubos da sua amada; medo de perdê-la; desconfianças de traição e ciúmes excessivos.

O cenário, uma casa de comércio em que o piso superior foi reformado para ser a moradia dos dois, vai aos poucos se transformando em um ambiente que absorve as tensões maritais da rotina. Não sabemos o que se passa no plano psicológico de Lucrecia, mas podemos supor que o tédio do dia a dia de sua vida

burguesa e os excessos do marido fizeram com que ela abrisse mão do seu espaço na casa, na vida de Eusébio e na sociedade porto-alegrense para aventurar-se em um ambiente desconhecido.

Após algum tempo fora e após toda a trama de Qorpo-Santo e Eusébio ter sido engendrada para forjar a morte de Lucrecia aos olhos da sociedade, a jovem decide voltar para a casa com a esperança de recuperar o que havia abandonado. Nesse momento, temos uma mudança brusca de ambiente. O clima psicológico e o cenário mostram os primeiros sinais de uma possível tragédia. O marido mantém a esposa presa dentro de casa, as janelas sempre fechadas, o número de empregados foi reduzido a apenas um criado da mais extrema confiança a fim de evitar que descobrissem que a mulher estava viva e de volta à casa. A partir dessa nova configuração, Eusébio passa a viver em temor. Um clima de escuridão toma conta da nova dinâmica do casal – e as violências psicológica e física se instauram na vida de Lucrecia.

A esposa vai definhando, empalidecendo e, cada vez mais, tornando-se, aos olhos de Eusébio, uma morta-viva. Sua *loucura* diante de tal ambiente é tanta, que em determinada cena, ele acaba a estuprando. Dividido entre o insano amor que sentia e os prováveis julgamentos sociais, para evitar um escândalo, ele toma uma atitude atroz: prende a mulher em uma cama e a deixa, lentamente, definir, e, por fim, assassina-a, selando o momento de maior tensão do romance:

[...] tomou com delicadeza a cabeça, ergueu-a do travesseiro, passou o pano pelo pescoço, deu uma volta e ainda olhou para as vistas perdidas no tempo. Era certo que ela não o enxergava, tanto que entregou-se docilmente, como as santas cedem sua vida a um Destino maior. Vagarosamente, como última carícia, ele foi apertando o laço, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto e gotejavam sobre a face que se esbraseava à medida que a pressão inexorável ia cortando o respiro. (ASSIS BRASIL, 2010, p. 242)

Em uma sociedade de aparências, o crime de Eusébio adveio pela preservação de seu *status* perante a vigilância das consciências de que fala Foucault (2014). O horror ao escândalo, que deveria ser evitado a todo custo, já que era ele pertencente ao grupo de costumes imperiosos e regras temíveis da Porto Alegre provinciana, o levou ao extremo da *loucura* de assassinar uma pessoa e justificar seu ato para evitar revelar, também, as suas próprias faltas e vícios – pois ele era cúmplice do homem que enganou a Província. Lucrecia poderia ter sobrevivido se, desde o início de sua volta para casa, a verdade sobre sua condição

tivesse sido revelada. E, Eusébio, receberia, então, a punição do escândalo pela falta cometida de forjar a morte da esposa: “O escândalo torna-se assim a punição duplamente ideal, como adequação imediata à falta, e como meio de impedi-la antes que assuma uma forma criminosa.” (FOUCAULT, 2014. p. 444) – desta maneira, Eusébio ficaria livre de cometer um crime por conta da loucura do regime social das aparências ao qual estava submetido.

#### 4.4 A loucura e as mulheres

*“Qualquer mulher tem algo oculto, perturbador, secreto, que nenhum homem penetra. Daí a loucura do amor.”*

L. A. de Assis Brasil, *Cães da Província*

Por ser uma obra que retrata um agrupamento urbano do século XIX, com foco nas ações dos personagens masculinos diante de conflitos e dilemas a serem solucionados, as mulheres do romance acabam por personificar a *loucura*, que, em diversas passagens da trama, acomete momentaneamente os homens. Os argumentos encontrados pelas páginas de *Cães da Província* quase sempre se concentram em um escopo machista, comum para uma sociedade patriarcal, quando há menção às personagens femininas. Nota-se que as mulheres do romance provocam encantamento, desejo, amor e, claramente, *loucura* nos homens. Porém, elas se tornam alvo de forte crítica no instante em que não seguem a conduta esperada de uma dama do século XIX nem cumprem as normas estabelecidas pelos “homens de bem”, passando a desempenhar outros papéis, os quais, de certa forma, ferem a moralidade do contexto ao qual pertencem.

Em *Elogio da Loucura*, a protagonista do ensaio é a própria Loucura que se identifica como pertencente ao gênero feminino e, portanto, não vê problema em afirmar que as mulheres são loucas, pois, para ela, “quando se recebeu da natureza algum pendor vicioso, querer resistir-lhe ou ocultá-lo sob a máscara da virtude é aumentá-lo” (p. 28). Dessa forma, garante que, mesmo tentando disfarçar, a mulher não pode deixar de ser mulher, ou seja, não pode deixar de ser louca. Para a Loucura de Erasmo, as mulheres seriam infinitamente mais felizes pelo simples fato de possuírem essa ligação direta com a própria Loucura, que proporciona a elas graças e atrativos “que lhes servem para acorrentar os mais orgulhosos tiranos” (p. 28). A noção de que a mulher e a *loucura* formam uma só entidade persiste ao longo da Idade Moderna (época em que o livro de Erasmo é escrito) e chega até o século XIX da Idade Contemporânea, pois Assis Brasil também, em *Cães da Província*, relaciona-as, em diversas passagens do romance, quando os personagens masculinos esperam que os objetivos femininos estejam voltados ao desejo de agradá-los – qualquer desvio desse interesse, a menção dessa suposta *loucura* inata, já é logo colocada em perspectiva como forma de culpabilizar a mulher por,

talvez, suas tentativas de resistir à condição subalterna que lhe delegam em uma sociedade machista.

No entanto, embora não explorados tão intensamente na trama de Assis Brasil, os objetivos femininos não estão ligados exclusivamente a agradar o sexo oposto, pois as fugas da rigidez e da monotonia de suas vidas levam-nas, em situações específicas, como as de Lucrecia e Palsen, a percorrer um caminho sem volta ao encontro de outra loucura – aquela que induz atos insanos e culmina em episódios trágicos. O mesmo não ocorre com Inácia, pois sua luta é contra as ações contraditórias do marido – o que não a impede de sofrer comentários preconceituosos deferidos pelos homens, que representam autoridade no romance, devido à sua atitude ousada de tentar interditar Qorpo-Santo para poder administrar seus bens. Apesar de subjugadas, as mulheres do romance exercem certo fascínio nos homens, que, em um primeiro momento, toleram os chamados ‘caprichos femininos’:

E, se os homens toleram tudo nas mulheres, não é unicamente em vista do prazer que delas esperam? E esse prazer, o que é senão a loucura? Estaremos convencidos dessa verdade se atentarmos a todas as futilidades que um homem diz, a todas as loucuras que ele faz com uma mulher, sempre que tem vontade de gozar de seus favores. (ERASMO, 2016, p. 29)

Antes de cada julgamento preconceituoso destinado às mulheres de *Cães da Província*, os homens, em uma atitude recheada de segundas intenções, dedicam a elas extremada tolerância em busca desse prazer que Erasmo determina como loucura. Logo no início da narrativa, percebe-se o empenho de Eusébio para agradar sua jovem esposa, quando ainda estava inebriado pela beleza e juventude de Lucrecia:

Eusébio não cabia em si de amor, obsequiava a mulher com todas as joias e fitilhos que ela pedia, babava-se de paixão. [...] Contavam-se casos de seu amor profundo e dolorido, dos quais avultava aquele em que Eusébio fizera parar à beira da cidade uma tropa de burros, porque Lucrecia quisera escolher um deles para seu uso. E como Lucrecia não se decidisse que animal queria, esgotando a paciência dos burreiros, Eusébio foi obrigado a pagar o prejuízo do longo estacionamento da tropa, quando por fim a mulher não quis nenhum dos que se lhe ofereciam, alegando que estavam muito magros e com pelo ruço. (ASSIS BRASIL, 2010, p. 22-23)

Louco de amor, Eusébio não mede esforços para mimar Lucrecia e satisfazer os desejos dela. O amor “profundo e dolorido” do marido pela esposa é o primeiro indício da *loucura* que, aos poucos, acaba por tomar conta de seu casamento. O

episódio dos burros é um exemplo de como Lucrecia podia demonstrar insensatez aos olhos da sociedade, por conta de seus exageros ostentados publicamente. Certa falta de decoro também pode ser atribuída a ela, já que, em uma das reclamações do marido para o amigo Qorpo-Santo, ele se queixa que a esposa se ofereceu para costurar o botão da casaca de um italiano e ainda perguntou como eram os homens na Itália. Ele arremata sua indignação ao dizer que a esposa não tinha o direito de fazer isso, pois “logo começam a falar” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 24).

Sua preocupação excessiva com as aparências e com o que os outros poderiam pensar leva-o a ficar cada vez mais atormentado com a provável desonra que as atitudes de Lucrecia lhe causariam. Ela acaba se tornando um verdadeiro martírio para Eusébio, pois constantemente está se expondo, de maneira que pode atingir a honra do respeitado negociante diante da sociedade porto-alegrense. A *loucura* se instala como forma de desconfiança contínua nele e, em Lucrecia, como uma insatisfação que se manifesta em agressividade, fazendo com que ela seja privada da totalidade do conforto que seu marido lhe concedera logo no início do casamento.

A narrativa de Assis Brasil, embora mostre os desequilíbrios e as desconfianças de Eusébio, leva-nos, em um primeiro plano, a dar credibilidade a ele, especialmente antes de conhecermos a derradeira tragédia de que será autor. Sua esposa o abandona pelo fornecedor de queijos, descrito como “pai de bastardinhos remelentos” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 33) – ou seja, deixa a estabilidade e o conforto de sua vida burguesa para se embrenhar em um lar onde não será bem recebida e no qual terá de trabalhar duro para ajudar o amante. Se tal escândalo fosse descoberto pela vigilante sociedade porto-alegrense do século XIX, Lucrecia, muito provavelmente, seria julgada como *louca* pela audácia de trair um homem tão bom quanto Eusébio. No caso dela, entretanto, sua insensatez difere da alienação que se pode constatar em Qorpo-Santo, já que ela ainda faz parte do “grupo da razão”:

O insensato não é como o alienado, que faz prevalecer as forças vivas da loucura; ele deixa o desatino circular mais ou menos secretamente sob as espécies da razão; [...] O insensato não é inteiramente estranho ao mundo da razão: representa antes a razão pervertida, eternamente desviada em cada movimento do espírito. Nele se realiza incessantemente a perigosa troca entre a razão e o desatino, enquanto a alienação designa antes o momento da ruptura. (FOUCAULT, 2014, p. 390)

A percepção inicial, portanto, é a de que há certa imaturidade e forte insensatez de Lucrecia ao desonrar os votos de seu casamento, visto que a leitura de *Cães da Província* deixa-nos conectados ao olhar de julgamento da sociedade provinciana do século XIX. Dito dessa maneira, abre-se a possível linha de interpretação de que é a mulher a causa primária da *loucura* de Eusébio, que vai se manifestando aos poucos até chegar ao seu ápice e transformá-lo no próprio assassino da amada. Devido a uma falta de explicação no romance sobre os sentimentos de Lucrecia, é mais fácil tomar as dores de Eusébio – já que ele está sempre a elucubrar suas desconfianças em relação à esposa – e, por conseguinte, a julgá-la como a insensata, pois sua loucura age nesse plano secreto à razão – tanto para o marido e a sociedade quanto para o leitor da obra.

O mesmo já não se pode interpretar do casamento de Qorpo-Santo e Inácia, pois, no entendimento racional de como o homem deveria ser o provedor e o protetor da família em tal sociedade patriarcal, é o dramaturgo que provoca Inácia a tomar a atitude extremada de abandonar o lar com as três filhas do casal em busca de um ambiente mais estável para morar e para preservar um pouco a reputação da família – já que Qorpo-Santo estava sendo cada vez mais alvo de comentários maledicentes a respeito de sua sanidade. Todavia, a esposa é questionada por tamanha independência – já que de uma mulher do século XIX era esperado a devida obediência ao marido, ao menos para manter as aparências. Quando Inácia decide iniciar o processo de interdição de Qorpo-Santo, ela se torna alvo de cobiça do Dr. Calado, que principia tentativas de seduzi-la para estabelecer relações extraconjugais. No entanto, antes de conhecê-la pessoalmente, ele mesmo levanta o seguinte comentário preconceituoso, que condiz com a mentalidade patriarcal: “É fácil santificar uma esposa quando ela possui um marido indigno, quando na verdade ninguém para a refletir se a causa da indignidade não seria a própria mulher.” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 119)

A narrativa de Assis Brasil nos revela, primordialmente, o que se passa no plano psicológico masculino, excluindo as mulheres dessa representação mais aprofundada de suas personalidades. A loucura delas acaba se tornando mais evidente por suas falas e ações diretas ou quando são acusadas de “loucas” por sua mera presença que desatina os homens – uma vez que aguçam demasiadamente suas imaginações, reveladoras de desejos não condizentes à moralidade vigente. É

pela interpretação deles que se evidenciam as críticas ao sexo feminino na obra de Assis Brasil.

Uma dessas interpretações parte do Dr. Calado. Acometido por fantasias no instante em que enxerga em Inácia a possibilidade de burlar as regras da moral e dos bons costumes para estabelecer com ela “relações naturais”, ele passa a revelar, em um primeiro momento, apenas no plano psicológico, seus desejos mais íntimos. Quando Inácia chega à delegacia para lhe pedir um favor, a autoridade policial, em uma ansiedade para demonstrar que já sabia do que se trataria o pedido, logo a interrompe e a observa:

[...] correndo os olhos pelos ombros perfeitos e pelo pescoço finíssimo, onde se aninha um colar de águas marinhas que oscilam com a respiração. [...] Manda que a mulher se sente, querendo e obtendo uma visão magnífica de tornozelos envoltos em meias de seda quase transparentes. Isto porque a barra do vestido estufado impede um desejo mais prolongado. Mas as mãos ali ficam, largadas sobre as coxas unidas. Mãos pequeninas, oferecentes. (ASSIS BRASIL, 2010, p. 121)

Toda a cena na delegacia acontece nessa tensão entre o que se passa nos desejos do Dr. Calado e o que o decoro lhe permite expressar através de ações e palavras. E, aos poucos, o delegado vai se aproximando de Inácia, com a desculpa de ser solidário à dor da esposa de Qorpo-Santo, pois sua admiração pela “pele fresca de manhã orvalhada e olhos profundos de cisterna” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 122) faz com que ele, cada vez mais, tente deixar claras as suas segundas intenções. Outras tentativas de aproximação se seguem, até o momento em que ele se deixa dominar pela vontade de possuir Inácia e a beija, mesmo achando ter enlouquecido por ter, finalmente, a tomado nos braços. O resultado de tal atitude insana é sentido diretamente em seu pescoço, quando Inácia lhe crava quatro “unhas fortes” (ASSIS BRASIL, 2010, p. 213). A violência de Inácia para se defender do abuso faz com que ele a chame de “puta” e peça para ela se retirar da delegacia, fazendo com que seu outrora deslumbramento se transforme em revolta pela *loucura* que aquela mulher nele provocara.

O Dr. Calado ainda serve de voz para tecer comentários a respeito de outra personagem feminina do romance, a criminosa Palsen – esposa do açougueiro da Rua do Arvoredo. Representante máxima da loucura feminina, ela se tornou aos olhos de toda a sociedade porto-alegrense um mal a ser erradicado. Todavia, nota-

se que os seus atributos físicos não deixavam de entorpecer o sentido dos homens – mesmo diante do evidente perigo que ela oferecia:

Queriam que vissem aquela mulher, a arrogância, a falta de pudor. Ela consegue irritar os sentidos de todos os cidadãos. Apresenta-se nas audiências com um vestido leve, com os seios quase saindo para fora do corpete, tenho de toda hora mandar que ponha um xale sobre os ombros. Irrita, irrita. [...] Todos querem que ela seja condenada, talvez mais que o próprio homem. Acham que ela foi a causa de tudo. Mas não confessa, a sedutora. Nem ela nem o homem. (ASSIS BRASIL, 2010, p. 116)

A mulher sempre seria considerada um ser inferior ao homem e subjugado à sua vontade, na sociedade patriarcal. Se um homem cometesse qualquer desatino nos casos expostos no romance, como citado anteriormente, indagariam se tal estado não teria sido, em primeiro lugar, provocado justamente pela loucura de uma mulher. A sociedade, que vivia sob o medo das opiniões alheias, não perdoava os que andavam, publicamente, fora da retidão dos “bons” costumes – as mulheres sempre eram mais vigiadas, tanto na esfera pública quanto na privada. Os personagens masculinos de *Cães da Província* representam, nesse sentido, os “juízes” dessas personagens femininas e, quase sempre, seus veredictos são desfavoráveis a elas. O único que parece ter uma visão mais tolerante em relação às mulheres é Qorpo-Santo, visto que, no início da trama, ele tenta sair em defesa de Lucrecia quando acreditava que Eusébio estava sendo exagerado ao preocupar-se em demasia com o comportamento de sua jovem esposa. Porém, Qorpo-Santo representa a ruptura ao mundo da razão daquela Porto Alegre – é o alienado. Sua opinião, ainda, valia menos do que a opinião de Inácia, por exemplo, nessa sociedade de aparências, opressões, rigidez e loucura disfarçadas, reprimidas, escondidas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Mas, a propósito, esqueço que vos prometi terminar. De resto se achais que tagarelei demais, ou se deixei escapar alguma extravagância um pouco forte, lembrai-vos, peço-vos, que é a Loucura, que é uma mulher que acaba de vos falar. Mas lembrai-vos também deste provérbio grego: **Um louco diz às vezes coisas boas** – a menos que penseis que as mulheres sejam uma exceção a essa regra geral.”*

Erasmus, *Elogio da Loucura*

Chega ao fim as elucubrações sobre os episódios de loucura em *Cães da Província*. Muito ainda poderia ter sido dito sobre a loucura na obra, no entanto, meu intuito foi o de fazer um pequeno recorte de cenas e momentos da trama para contribuir com a discussão desta temática no romance histórico de Assis Brasil. Além disso, a leitura de diversos textos sobre a loucura (citados durante o trabalho ou indicados nas Referências) foi de fundamental importância para compreender como os conceitos de loucura divergem e mudam através da história.

De fato, em *Cães da Província*, Assis Brasil conseguiu representar mais do que a ficcionalização de um dramaturgo incompreendido, pois, além disso, também conseguiu transmitir, com maestria, ao leitor contemporâneo o reflexo de uma sociedade histórica presa a seus próprios preconceitos e vaidades, desmascarando as brechas da loucura em uma Província, à primeira vista, lúcida, mas que escondia muitos segredos abaixo da superficialidade de suas aparências.

A loucura despertada nas relações sociais de uma sociedade que reprime e oprime, em busca de um *status* perfeitamente “normal” e adequado aos “bons” costumes, revela o quanto a hipocrisia pode prevalecer na tentativa de evitar o escândalo. Em nome das aparências, um crime para preservar a honra foi cometido por Eusébio, representando o quanto este tipo de loucura pode estar intimamente ligado à maldade:

Não há exclusão entre loucura e crime, mas sim uma implicação que os une. O indivíduo pode ser um pouco mais insano, ou um pouco mais criminoso, mas até o fim a loucura mais extremada será assombrada pela maldade. (FOUCAULT, 2014, p. 138)

Seguindo esta lógica, talvez o verdadeiro louco que merecesse internamento ou prisão fosse Eusébio e não Qorpo-Santo. Elucubrando um pouco mais, não seria Qorpo-Santo o único homem verdadeiramente livre, por não se submeter à opinião pública e expressar sua essência sem pudores? A pergunta que fica, a partir das elucubrações sobre a loucura em uma obra literária, é até que ponto uma sociedade pode esconder sua própria insanidade e cometer atrocidades por conta disso, e o quanto isso pode prejudicar aqueles que não se enquadram à normatividade estabelecida. Sendo assim, os dramas e tragédias de *Cães da Província* retratam a loucura da realidade de uma sociedade provinciana através de sua ficcionalização, neste romance histórico, para ajudar-nos a compreender que:

"A vida é entretanto ainda mais perturbadora. Nela desliza um caudal inesperado e subterrâneo, imprevisível em suas nuances mágicas, escapa às possíveis lógicas de uma urdidura, tem alçapões misteriosos que se abrem em meio à encenação e tiram de cena os principais personagens, abruptamente acordando a plateia." (ASSIS BRASIL, 2010, p. 57-58)

## REFERÊNCIAS

- ARIAS, Maria Helena de Moura. *O Homem que Enganou a Província ou as Peripécias de Qorpo-Santo: uma Leitura de Cães da Província*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Letras – Literatura e Vida Social) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis/SP, 2009. 166fls. Disponível em: <[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103659/arias\\_mhm\\_dr\\_assis.pdf?sequence=1](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103659/arias_mhm_dr_assis.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 2 nov. 2016.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Cães da Província*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2010. 264p.
- BATISTA, Edna Patrícia de Moraes. *A Loucura como Crítica Social na Obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto*. 2005. Monografia (Licenciatura em Letras) – Faculdade de Ciências da Educação, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, 2005. 46fls. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3478/2/20108317.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *A Sociedade Individualizada: Vidas Contadas e Histórias Vividas*. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 323p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=AX8-Jass\\_iAC&pg=PA8&dq=loucos%20s%C3%A3o%20apenas%20os%20significados%20n%C3%A3o%20compartilhados.%20a%20loucura%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20loucura%20quando%20compartilhada&pg=PA8#v=onepage&q=loucos%20s%C3%A3o%20apenas%20os%20significados%20n%C3%A3o%20compartilhados.%20a%20loucura%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20loucura%20quando%20compartilha da&f=false](https://books.google.com.br/books?id=AX8-Jass_iAC&pg=PA8&dq=loucos%20s%C3%A3o%20apenas%20os%20significados%20n%C3%A3o%20compartilhados.%20a%20loucura%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20loucura%20quando%20compartilhada&pg=PA8#v=onepage&q=loucos%20s%C3%A3o%20apenas%20os%20significados%20n%C3%A3o%20compartilhados.%20a%20loucura%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20loucura%20quando%20compartilha da&f=false)>. Acesso em: 3 nov. 2016.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Novo Romance Histórico Brasileiro: o Caso Gaúcho. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 75-82, jun. 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14382/9565>>. Acesso em: 4 nov. 2016.
- BORGES FILHO, Ozíris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências, XI., 2008, São Paulo. *Anais online...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS\\_FILHO.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf)>. Acesso em: 4 nov. 2016.
- ERASMO, Desidério. *Elogio da Loucura*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2016. 144 p. (Coleção L&PM Pocket; v. 278).
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura: na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 551 p.

GANCHO, Candida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática: 2006. 79p. (Série Princípios; v. 207).

LIMA, Márcio José Silva. História da Loucura na Obra “O Alienista” de Machado de Assis: Discurso, Identidades e Exclusão no Século XIX. *Caos*, João Pessoa, n. 18, p. 141-153, set. 2011. Disponível em:  
<[http://www.cchla.ufpb.br/caos/n18/12\\_MarcioJoseSLima\\_HISTORIA%20DA%20LOUCURA%20NA%20OBRA.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/caos/n18/12_MarcioJoseSLima_HISTORIA%20DA%20LOUCURA%20NA%20OBRA.pdf)>. Acesso em: 5 nov. 2016.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 191p. Disponível em:  
<[https://books.google.com.br/books?id=Fh0FJFRziPAC&pg=PA52&lpg=PA52&dq=presen%C3%A7a+da+loucura+na+literatura&source=bl&ots=v5f91OC5XT&sig=oBevuK5PNiyf2fSaM\\_lf66tLgY0&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwiEnoaag\\_nPAhXBPD4KHRu3DCAQ6AEISTAF#v=onepage&q=presen%C3%A7a%20da%20loucura%20na%20literatura&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Fh0FJFRziPAC&pg=PA52&lpg=PA52&dq=presen%C3%A7a+da+loucura+na+literatura&source=bl&ots=v5f91OC5XT&sig=oBevuK5PNiyf2fSaM_lf66tLgY0&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwiEnoaag_nPAhXBPD4KHRu3DCAQ6AEISTAF#v=onepage&q=presen%C3%A7a%20da%20loucura%20na%20literatura&f=false)>. Acesso em: 4 nov. 2016.

MARIA, Luiza de. *Sortilégios do Aveso: Razão e Loucura na Literatura Brasileira*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. 320p. (Coleção Ensaios Transversais, v. 30)

PRIKLADNICKI, Fábio. Morto há 130 anos, o escritor Qorpo-Santo continua sendo um nome a ser descoberto. *Zero Hora*, Porto Alegre, 16 nov. 2013. Disponível em:  
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/11/morto-ha-130-anos-o-escritor-qorpo-santo-continua-sendo-um-nome-a-ser-descoberto-4335955.html>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

SAMARA, Eni de Mesquita. Estratégias Matrimoniais no Brasil do Século XIX. *Rev. Bras. de Hist.*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 91-105, set. 87/fev. 88. Disponível em:  
<[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjmsfH8pNnQAhVJySYKHxb8CiMQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.anpuh.org%2FArquivo%2Fdownload%3FID\\_ARQUIVO%3D3657&usq=AFQjCNH2tj1paY0UFzauB3pV24g316bpow&sig2=vRk7APqZOpxG8o1Vuhba4g](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjmsfH8pNnQAhVJySYKHxb8CiMQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.anpuh.org%2FArquivo%2Fdownload%3FID_ARQUIVO%3D3657&usq=AFQjCNH2tj1paY0UFzauB3pV24g316bpow&sig2=vRk7APqZOpxG8o1Vuhba4g)>. Acesso em: 3 nov. 2016.

SANTO, Qorpo. *As Relações Naturais: Comédia em Quatro Atos*. Ministério da Educação (Domínio Público). Disponível em:  
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003008.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

VICENTE, Fernanda Monteiro. O Tema da Loucura na Literatura, na Pintura e no Cinema: Três Diferentes Perspetivas. *Carnets*, Porto, IV – (Res)ources de l'extravagance, p. 127-146, jan. 2012. Disponível em:  
<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12141.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2016.